AMAZONAS

Pesquisa Sócio - Cultural

Amm 1356

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

AGRADECIMENTOS

A todos os amazonenses que forneceram informações ou material, tornando possível a elaboração dessa pesquisa. São eles: Joaquim Marinho, Hemengarda Junqueira, Áureo Nonato, Luís Pinto, Francisco Cardoso, Denise Bezerra, Otoni Mesquita, Eliberto Barroncas e a professora Maria Isis Falcone.

Agradecimentos especiais ao professor Mário Ypiranga, historiador, jornalista, grande intelectual da região, por dispor de seu precioso tempo para falar sobre o Amazonas, sua maior paixão.

A Celdo Braga, poeta e músico de grande competência, figura humana de grande valor. Fiel representante da personalidade cabocla.

Ao grande profissional de Marketing, Fábio Valente, por acreditar que a cultura é a maior propaganda.

Ao Governo do Amazonas através da SECOM e EMAMTUR, e à TELEBAHIA, pelo apoio ao projeto de divulgação do viver amazônico.

À toda a equipe técnica, que não mediu esforços para que o trabalho fosse realizado com beleza e poesia.

À Eliane Falcone, doutoranda da USP, pela consultoria carinhosa.

Agradecimento especialissímo a Wolf Maya, parceiro nesse sonho amazônico, por ter acreditado no trabalho.

Registrado protocolo 2624 (Folhas 82) 5º caderno. Obs: veio acompanhado de vídeo-cassette.

ÍNDICE

1 - APRESENTAÇÃO ..... pág. 1

2 - OBJETIVO ..... pág. 2

3 - JUSTIFICATIVA ..... pág. 2

4 - METODOLOGIA ..... pág. 2

5 - ASPECTOS HISTÓRICOS DE MANAUS ..... pág. 3 e 4

6 - ASPECTOS RELEVANTES DAS ENTREVISTAS E DA LITERATURA ACUMULADA

6.1 - Clima ..... pág. 4

6.2 - Geografia ..... pág. 4 e 5

6.3 - Alimentação ..... pág. 5 e 6

6.4 - Personalidade Indígena ..... pág. 6 e 7

6.5 - Folclore ..... pág. 7 e 8

6.6 - Arte Regional e Contemporânea ..... pág. 8 e 9

6.7 - Medicina Alternativa ..... pág. 10 e 11

6.8 - Vocabulário ..... pág.. 11 e 12

6.9 - Zona Franca ..... pág. 12 e 13

6.10 - O Povo Amazonense Assumindo sua Origem ..... pág. 14

7 - CONCLUSÃO ..... pág. 14 e 15

8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... pág. 15

9 - ANEXOS ..... pág. 16

1 - *APRESENTAÇÃO*

1.1 - *TÍTULO DO PROJETO*

AMAZONAS - Pesquisa Sócio-Cultural

1.2 - *DESTINO*

Wolf Maya (Rede Globo de Televisão)

1.3 - *EXECUÇÃO*

Elaine Falcone (Telecomunicações da Bahia S/A - Telebahia)

1.4 - *PATROCÍNIO*

Governo do Amazonas (Secretaria de Comunicação e Emamtur)
Telecomunicações da Bahia S/A - Telebahia

1.5 - *EQUIPE TÉCNICA*

Denise Bezerra (Produção)
Liliane Maia (Produção)
José Nildo (Fotógrafo)
Mário Dantas (Cinegrafista)
Sidney Nazaré (Cinegrafista)
João Vicente Silva (Cinegrafista)
Silvia Mizuno (Roteiro e Edição)
Márcia Parente (Locução)
Ary Guimarães (Digitação)

1.6 - *LOCAIS DA PESQUISA*

Cidades de Manaus e Parintins
Rios e Florestas

1.7 - *PERÍODO*

Negociação - 15 a 24 de abril de 1995
Pesquisa - 10 de junho a 10 de julho de 1995

2 - ***OBJETIVO***

A produção de um documentário-musical, onde através de uma história de amor baseada no original "O GUARANI", desfeche-se em um concerto musical da mesma obra na Floresta Amazônica.

3 - ***JUSTIFICATIVA***

A razão de ser desta pesquisa consiste em revelar-se os hábitos e costumes do povo amazonense, a preciosidade de sua alimentação afrodisíaca que, aliada ao clima, caracterizam o comportamento do caboclo.

4 - ***METODOLOGIA***

Consultas bibliográficas, filmagem em UMATIC, fotografias, entrevistas através de um micro gravador Panasonic.

OBS: As entrevistas foram gravadas com o devido consentimento dos entrevistados, profissionais da área de jornalismo, música, artes plásticas, história, teatro e o Superintendente de Cultura do Governo do Amazonas, Sr. Joaquim Marinho.

5 - *ASPECTOS HISTÓRICOS DE MANAUS*

Em 1669 o capitão português Francisco da Mota Falcão construiu o Forte de São José do Rio Negro. Posteriormente passou a chamar-se Lugar da Barra, Vila de Manaus, Cidade da Barra do Rio Negro, Manaus. Os índios Manau e Barés habitavam a região antes da colonização.

A miscigenação de brancos e índios originou uma população mameluca estável, mas os produtos naturais, intra-raciais, foram de maior número. Depois que cessaram as proibições dos casamentos entre negros e índios, aumentou o índice de produtos atravessados: caribocas, isto é, mulatos entre negros e índios. Macho negro e fêmea índia, pois o índio não cortejava a fêmea negra por sentir aversão profunda àquela raça. A índia chamava o negro de "tapaiúna".

Na época em que a cidade de Manaus chamava-se Lugar da Barra, não havia jornal. Essa deficiência era suprida pelo jornal falado de alcunha "Pasquino", o boateiro-mor, o linguarudo, o boca-de-lixo. Seu nome ficou na história: José de Figueiredo.

A limpeza da cidade ficava a cargo de escravos forros e de índios trabalhadores pagos pelos cofres do município. Esses trabalhadores e índios pertenciam ao famoso Corpo de Trabalhadores, uma organização oficial que distribuía serviços aos empregados mediante meia libra de peixe e 140 avos de farinha.

Manaus ganhou forma e cores na beleza austera da arquitetura que o Império lhe deixou e na fisionomia de metrópole que a riqueza da borracha lhe imprimiu nos tempos da República.

Na virada do século, Manaus era uma das cidades de maior concentração de riqueza per capita do planeta. O Teatro Amazonas, inaugurado em 1896, é o símbolo maior dessa riqueza. Tombado como patrimônio nacional em 1965, completa 100 anos em 1996. A construção foi feita nos estilos eclético e neoclássico, com materiais e artistas trazidos da Europa. Na parte externa

destaca-se uma cúpula com 36 mil escamas em cerâmica esmaltada, pintadas nas cores da bandeira nacional. Há capacidade para 640 pessoas. O Salão Nobre foi ornamentado por Domenico de Angelis e possui pinturas como "O GURARANI". O piso é formado por 12 mil peças de madeira, encaixadas sem utilização de pregos ou cola.

6 - ASPECTOS MAIS RELEVANTES DAS ENTREVISTAS E DA LITERATURA CONSULTADA

A literatura consultada bem como as perguntas aos entrevistados versaram sobre o clima, a geografia, a alimentação, a personalidade índigena, o folclore, a arte regional e contemporânea, a medicina alternativa, o vocabulário, a Zona Franca e a origem do povo assumida recentemente através do Bumbá.

6.1 - *CLIMA*

O clima da região amazônica é muito quente. Manaus é uma zona de baixa pressão e está a três graus abaixo do Equador geográfico, portanto o clima é natural. Hoje já existe a interferência do asfalto, dos prédios altos, da grande quantidade de árvores cortadas, impedindo a circulação. Outro fator que interfere é o aterro dos igarapés. Em consequência disso houve o aumento da população, da ocupação do solo pela divisão dos bairros, destruindo drasticamente o cinturão vegetal.

O clima no interior é mais ameno por causa do rio. Em Manaus o calor é intenso e isso muda o comportamento das pessoas. Há uma espécie de pachorisse. Após o almoço, a sesta é fundamental.

6.2 - *GEOGRAFIA*

O Amazonas é o maior estado do Brasil, com 1.5 milhão de quilômetros quadrados ocupando mais de 18 % do seu território.

"A Amazônia brasileira ocupa 63 % do território nacional. Com seus 510 milhões de hectares, que representam mais de nove vezes e meia o território da França, tem uma cobertura vegetal equivalente a 22 % da reserva florestal do planeta, e seu reservatório de água doce detém 25 % do total disponível da Terra." (Mestrinho, 1994 p.23)

O Amazonas tem menos de 2 % de sua cobertura vegetal retirada, aí computando as cidades e as poucas estradas existentes.

"O rio Amazonas possui 1900 metros de largura e 100 metros de profundidade. Ele corre à velocidade média de 7 quilômetros por hora e, em cada minuto, passam de 4 a 12 milhões de metros cúbicos de água, conforme haja vazante ou enchente. Segundo amostras, a quantidade de material fino e das substâncias dispersas na água é de cerca de 620 milhões de toneladas por ano". (Souza, 1976 pp. 77 / 78)

A Amazônia é um dos poucos espaços de expansão da vida humana disponíveis na face da terra.

O rio Solimões tem uma configuração geográfica completamente diferente do rio Negro. Cada rio é diverso em vegetação, relevo etc.

Existe uma questão geográfica interessante: a referência do homem do interior do Amazonas é o rio que, para ele, é a fonte de tudo. Manaus ficou de costas para o rio. Qualquer cidade brasileira é construída na orla, aberta para as águas. Na praia de Ponta Negra está sendo construído o primeiro prédio de frente para o rio.

6.3 - *ALIMENTAÇÃO*

A alimentação básica do povo amazonense é o peixe com farinha. Os peixes mais apreciados são: o pirarucu, o tambaqui, o tucunaré e o jaraqui. Os peixes lisos não são apreciados pelo povo que rejeita ,inclusive, o surubim.

O tacacá também faz parte do hábito alimentar da região amazônica. É de origem indígena e toma-se em cuia. Nos primórdios, era condimentado com

peixe cozido e camarãozinho fluvial (comum nos rios do Amazonas). Depois passou a ser condimentado com camarão importado. Outros produtos que compõem o tacacá é a goma de mandioca, o tucupi (fermentação da água de mandioca) e o jambu (verdura de região).

As frutas regionais são mais apreciadas que as outras. Delas fazem-se bebidas como o açaí, o patauá e a bacaba. O sorvete de tucumã e o creme de cupuaçu são as sobremessas mais apreciadas no Amazonas.

Tentaram acabar com o refrigerante guaraná no Pará. As grandes empresas compraram as fábricas de lá e do Maranhão. Quando chegaram no Amazonas, tiveram que fazer o guaraná com o sabor regional.

A alimentação da região amazônica é comprovadamente afrodisíaca, desde certos tipos de peixes até a produtos retirados da floresta. Segundo o povo, na cabeça do peixe está a fortaleza do homem.

O ararí é um peixe pequeno, muito bonito e raro de se encontrar, que tem um poder afrodisíaco incrível.

O índio sempre manteve a tradição de reprodutor à base de frutos tipo guaraná, que é um ótimo estimulante.

Na floresta existem inúmeros produtos afrodisíacos, mas os índios não costumam ensinar às pessoas as propriedades desses produtos, a não ser quando eles passam a gostar e ficar íntimos da pessoa.

6.4 - *PERSONALIDADE INDÍGENA*

O português, que foi o colonizador, não ultrapassou a corrente de influência indígena. Ele se adaptou. Houve uma colonização vencida, que entregou para o índio apenas a roupa, a religião e a língua.

Houve um decreto do Marquês de Pombal proibindo que se falasse ou catequisasse em tupi-guarani. Isso porque a frequência da língua era tanta, que o português e o negro eram obrigados a aprender para poder viver.

A colonização não conseguiu dominar a influência indígena. Ela correu paralela.

"Ser caboclo é deixar-se influenciar profundamente pela dinâmica da floresta e pela imensidão das águas e, por conta disso, ter um temperamento introspectivo e observador. Tal postura deve ter muito a ver com o modo com o que o caboclo contempla a placidez da paisagem e por ela se deixa governar. Há uma identificação psíquica e atávica entre ele e a floresta. Falar sobre a Amazônia e abstrair essa experiência implica frequentemente olhar sem entender a magnitude do mistério amazônico". (Mestrinho, 1994 p.25)

6.5 - *FOLCLORE*

Colonizador e colonizado completaram-se nas civilizações. Tanto o português quanto o índio eram supersticiosos. Era comum no colonizador a mística do "faz mal". Tinham medo de coruja (porque piava de noite), de cobra, de gato preto. Já o índio temia duendes, alma do outro mundo.

O povo sofreu influência das lendas européias mas não teve conhecimento das grandes lendas oriundas da Europa. Adotou as lendas indígenas. Essa é a maior vantagem dos hábitos e costumes da região.

Uma das influências européias é o "boi-bumbá". Não é africano de origem nem foi trazido pelos nordestinos como muitos pensam. Teve sua origem na Europa ou talvez na Grécia, onde se fazia o sacrifício do boi com quase todos os elementos com que se faz agora.

Os portuguêses, que sempre gostaram de tourear, trouxeram para o Brasil um brinquedo chamado "A Tourinha". Era a manipulação do boi, feito artisticamente, por rapazes. Faziam uma espécie de tourada. Foi evoluindo até chegar ao verdadeiro boi-bumbá, de aparência colonial.

Outra influência européia foi a "Caninha Verde", que é essencialmente portuguesa. Dança-se no Amazonas e em São Paulo. Há também o "Feixe de Pau de Fita" chamado tipiti.

O folclore pode ser distinguido como material e espiritual. O material está

ligado aos costumes, a maneira de se alimentar, de se vestir, de se comportar etc. O espiritual são as lendas, os mitos.

O povo não duvida do lado verdadeiro do boto, do lado além-máteria. A cobra-grande, o curupira, o mapim-guari, são muito fortes para o caboclo.

A samaumeira é uma árvore cuja raíz, denominada sapupema, serve de comunicação entre as pessoas na floresta através de batidas com um porrete. Em locais da mata completamente desabitáveis, já foi observado pelos caçadores essas batidas. Eles respeitam e retornam para casa, pois acham que é um sinal do curupira avisando que eles não devem caçar naquele dia.

Os madeireiros quando ouvem a batida do "bate-bate" à noite, na beira do igarapé, como se fosse batida na água, percebem a presença dos espíritos. Se a batida é no sentido foz, nascente, é sinal que o igarapé vai encher.

Quando um caçador está perdido na mata, tira a camisa e veste-a novamente pelo avesso. Em seguida, acende um charuto para o curupira.

Quando o boto salta para o nascente é sinal de que o rio vai encher. Quando salta para o poente, é vazante.

Isso tudo são sinais que a natureza oferece e o homem observa. Muitas coisas estão ligadas a lendas, aquilo que o homem tenta explicar porque ele não tem outra explicação. Outras são frutos das observações dele mesmo.

A lenda do boto, que é a mais famosa, envolve inclusive um governador do Estado, o Gilberto Mestrinho, que assumiu tranquilamente o papel de boto tucuxi. Márcio Souza é o autor que conta a lenda da lenda.

6.6 - *ARTE REGIONAL E CONTEMPORÂNEA*

Existem dados regionais importantes mesclando as duas civilizações: indígena e branca. São manifestações populares criadas em Manaus, não receberam influências de ninguém.

A arte é predominantemente do interior. As casas, as embarcações, sofreram

influência européia. A influência maior está na arte profissional, onde são encontrados verdadeiros mestres - os artesãos - índios e caboclos. No Instituto Histórico do Amazonas encontram-se importantes trabalhos artísticos indígenas.

A arte regional, no Amazonas, veio do índio. A arte plumária, de cestos, cerâmica. A cerâmica do índio ou do caboclo sofreu influência de povos como os Incas, Astecas ou até dos povos Nórdicos. É uma prova de que os índios descendem dessas culturas milenares.

Os artistas plásticos do interior fazem um trabalho dentro do que a natureza impõe. O habitante da beira do rio é crédulo, faz sua vida em função daquilo que a natureza vai colocando. Ele vai sendo tocado pela paisagem, pela força das águas, pelo plantio. A crença dele se estabelece em função do espaço físico. Quando ele se faz artista, sua produção também segue esse impluso natural. Ele absorve do meio e faz sua arte como consequência desse impulso que o meio impõe.

A arte contemporânea no interior do Amazonas é mais mística. O artista plástico Roberto Evangelista, que trabalha com cuias, é o maior exemplo. A partir da visualização desse universo místico ele expõe em forma visual. O artista do interior utiliza produtos como resina e materiais da floresta.

Em qualquer beirada de rio de Manaus, são encontrados sítios arqueológicos que nunca foram catalogados, não são tombados nem pesquisados. É muito comum serem encontrados cacos de cerâmica indígena, de povos que habitavam Manaus antes da chegada do homem branco.

Não há muitos especialistas nem verba para preservação dessas áreas. Há pessoas que recolhem esse material para forrar chão, para cimentar. Segundo antropólogos e arqueólogos, há os crimes mais bárbaros.

A Antropologia está sendo razoavelmente estudada em Manaus. A Arqueologia está mais abandonada. É muito rica e está dissolvendo-se rapidamente devido a transformação urbana que a cidade vem sofrendo.

Foram encontradas, na praia da Ponta Negra, algumas peças históricas em um terreno que estava sendo doado pela prefeitura. Posteriormente, a prefeitura fez

nessa região um parque de estacionamento. Lá se foi grande parte da História.

6.7 - *MEDICINA ALTERNATIVA*

A medicina alternativa ou medicina popular é um fato social notável, apesar do controle das autoridades.

A partir do processo de gestação do homem já se pode começar a usar a medicina alternativa. No Amazonas foi editado o livro: "O Complexo Gravidez Parto e suas Consequências", de autoria do historiador Mário Ypiranga, que aborda esse tema.

A medicina sempre usou a vegetação como elemento curativo, mas em fórmulas químicas. O índio usa diretamente.

O índio faz garrafadas de patacã, de pião roxo. Se não houver cuidado no preparo, envenena. A maconha é proibida pelas leis federias. Em conpensação, o broto da maconha é bom para crianças que têm falta de apetite. É um excelente tônico orgânico.

Para suturar um corte no corpo, o índio comprime o local e coloca uma formiga tanajura para morder. Depois ele arranca o abdômen da formiga, ficando só as mandíbulas. Faz isso uma série de vezes até suturar o corte. Em seguida ele passa copaíba (óleo de uma árvore) no local. Em poucos dias o corte cicatriza.

Na região do Alto Jaguari, há um processo de cura de várias doenças que deixam a pessoa meio vagarosa, através do muco de um sapo chamado "bacururu"ou "sapo verde". Ele tem uma gosma nas costas. Os índios utilizam esse muco com duas intenções: uma puramente física e outra espiritual. Fricciona-se a pele da pessoa com um tipo de cipó-lixa e coloca-se o muco do sapo. Em poucos segundos ela começa a vomitar. Em seguida joga-se a pessoa na água, cessando imediatamente o efeito. Os índios usam esse processo para depurar a pessoa, torná-la mais ativa, com o corpo quente, disposto. Após o vômito o índio imagina ficar "marupiara"(termo tupi que designa ficar afortunado para a caça).

A medicina do caboclo e do índio é carregada de misticismo, tem uma relação muito estreita com o plano espiritual. O pajé entra em transe e tem a noção desse universo espiritual. A partir disso ele vai curando as pessoas nas aldeias. O caboclo adquiriu essa cultura e também o legado de alguns remédios que, junto com a pajelança, fechou no curanderismo, já tendo também uma relação com a cultura afro e alguns elementos da Igreja Católica.

Existe um Compêndio de Medicina Homeopática do médico amazonense Alfredo Damata, que pesquisou ervas e remédios indígenas. Ele fez um Tratado de Medicina Tropical chamado "Flora Médica Amazonense", com a ajuda do professor Frederico Arruda, pesquisador da Universidade do Amazonas.

6.8 - *O VOCABULÁRIO*

A língua tupi-guarani só é falada a partir de determinadas regiões com influência homogênea indígena e cabocla, como no Alto rio Negro, no Alto Solimões, no Alto rio Madeira. É falada pelos índios tucanos e baniwas. A maioria das outras tribos falam sua própria língua.

Nas cidades do Amazonas, o percentual de palavras faladas em tupi-guarani é de 10 %. Exs.: Curumim, cunhatã, cunhã, nomes de peixes, frutas. Alguns prédios novos de Manaus estão recebendo nomes indígenas.

Os termos regionais estão se distanciando cada vez mais, a não ser aqueles que, absolutamente, não podem ser esquecidos. Exs.: Nomes da flora, fauna e da geografia amazônica. O nome boto é de origem portuguesa. O correspondente em tupi-guarani é "ouiara".

Existem raros dicionários em tupi-guarani publicados no Brasil. O melhor foi o editado há cem anos. Nesses dicionários é difícil encontrar-se um termo regional citado em português.

O nome da cidade Urucurituba significa porção de "urucuri"(fruta cujo caroço o seringueiro queima e a fumaça faz endurecer a borracha).

"Aquela festa foi catu", quer dizer , foi bonita (boa). O caboclo costuma referir-se a uma coisa boa como uma coisa bonita. Ele costuma falar economizando palavras.

Com a chegada dos colonizadores, houve uma troca de todos os nomes indígenas por portugueses. Atualmente, sob a influência da Zona Franca e do movimento musical do boi-bumbá, isso vem modificando-se. Está se firmando o vocabulário em tupi-guarani e saterê-mawé.

O caboclo do interior quando chega em Manaus trás seu linguajar e dificilmente o perde. Seu falar é a maneira dele transmitir até seus próprios sentimentos.

6.9 - *ZONA FRANCA*

O Amazonas não mudou muito com a chegada da Zona Franca. Os aspectos positivos foram: o aumento do comércio e o credenciamento facilitando a aquisição, o aumento e a variedade dos produtos, bem como o volume dos empregos.

A Zona Franca trouxe um melhoramento no espaço que o indivíduo deve ocupar na sociedade, no trabalho. Se o Governo acabar com ela haverá um desastre social.

O aspecto negativo da Zona Franca é que Manaus, antes uma cidade pacata, passou a ficar violenta. Houve uma alteração na mobilidade do homem de fora. O que se observa de contra-natural vem de indivíduos que entraram depois que abriram as estradas. Outro aspecto negativo é a importação de produtos desnecessários.

Antes da Zona Franca, até 1920 aproximadamente, Manaus vivia às custas da Europa até para a alimentação. Depois que o Governo proibiu a importação direta em grande escala, só conseguia-se produtos de fora vindos através de São Paulo e Rio de Janeiro, dificultando a aquisição dos mesmo pela população.

Na questão Manaus antes e depois da Zona Franca, há uma linha de homogeneidade com uma falha no meio. A falha começa após 1920 até a época que surgiu a Zona Franca. Há uma defasagem nesse período.

Manaus saiu da era da borracha para a era eletrônica. A população passou de 250.000 para 1.500.000 de habitantes.

As indústrias da Zona Franca são isentas de impostos. As lojas têm uma isenção fiscal como estímulo para venderem os produtos estrangeiros. Com isso, as leis de incentivo à cultura não podem ser aproveitadas no Estado.

Com uma tradição de 25 anos, o comércio de importados oferece produtos de marcas famosas no mercado internacional, com a garantia da origem e da qualidade dos equipamentos pelo alto índice tecnológico.

Hoje o perfil do comércio apresenta uma tendência para a segmentação. A maioria das lojas de importados concentram-se no centro de Manaus.

"A Xerox do Amazonas é uma das unidades mais competitivas do planeta, ocupando lugar de destaque na pauta de esportações do Estado. A fábrica da Gilette é modelo internacional de eficiência e competitividade. Os gabinetes de televisor produzidos na Zona Franca chegam aos Estados Unidos com preço menor do que aquele tradicionalmete oferecido pelo rigoroso mercado asiático. É significativo também que a Coca-Cola tenha decidido instalar em Manaus seu centro sul-americano de abastecimento. Além disso, hoje exporta-se pacotes tecnológicos na área de informática e brinquedos, feitos para todo o mundo.

No setor de saúde, o Banco Estadual de Sangue fornece serviços e produtos para o resto do país e o Centro de Medicina Tropical de Manaus abriga bolsistas-pesquisadores de outras partes do mundo.

Manaus exporta para o mundo polpa de cupuaçu liofilizada; a produção de chocolate a partir do caroço dessa fruta, com sabor comprovadamente mais agradável do que aquele produzido com o cacau e a vantagem de não conter cafeína; a elaboração de cosméticos e fármacos a partir dos princípios ativos de nossa biodiversidade."(Mestrinho, 1994 p.159)

6.10 - *O POVO AMAZONENSE ASSUMINDO A ORIGEM*

O Festival Folclórico de Parintins contribuiu muito para que o povo amazonense assumisse com orgulho sua origem. Ele passou a assumir sua caboquice, sua maneira de ser.

Até bem pouco tempo o povo escondia sua origem, seus traços típicos originais. O que estava ligado ao índio, estava ligado ao vencido, aquele que não tem forças, os que são realmente descaracterizados, fracos.

Hoje, o povo acompanha com interesse as manifestações populares. Ele tem a mesma característica indígena pelas tradições. O povo da floresta está despertando para o valor da sua raíz.

7 - ***CONCLUSÃO***

É impossível viver o Amazonas e não se deixar envolver pelo mistério daquela região.

A influência da paisagem através do espelho d'água refletindo a natureza verde, do silêncio quase absoluto do rio quebrado ocasionalmente pelo canto de um pássaro, do mistério da floresta surpreendendo a cada passo dado no tapete de folhagem seca, fazendo cada segundo mostrar o inesperado, das esculturas sabiamente confeccionadas pela natureza, tende a modificar o comportamento de quem quer que se arvore a experimentar o mistério da terra de Ajuricaba.

O comportamento do homem daquela região, quer seja ribeirinho ou da capital, é marcado por um legado milenar associado a alimentação afrodisíaca, ao clima, a solidão de viver no meio da floresta. Esses fatores evidenciam um homem desconfiado, sensível, lento, teimoso e misterioso. Um homem que navega em vez de caminhar, que tem a paciência de um oriental e sempre espera, mesmo que nunca chegue.

Dentro de tantos "Brasís", o Brasil Amazônico é único e desconhecido. Vale a pena divulgá-lo nacionalmente. O mundo já o descobriu e a prova disso encontra-se evidenciada no intenso turismo dos hotéis de selva e na presença de inúmeros pesquisadores estrangeiros na região. Que o povo brasileiro possa ser melhor comunicado sobre o tesouro verde e seu exótico homem.

8 - *REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

Cultura Jornal (1994 - Agosto) Segundo número - Ministério da Cultura

Git, A.C. (1987) Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo, Atlas

Mello, T. (1991) Amazônia A Menina dos Olhos do Mundo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira

Mestrinho, G. (1994) Amazônia Terra Verde: Sonho da Humanidade. Amazonas, Editora Três

Monteiro, M.Y. (1994) Fundação de Manaus. São Paulo, Editora Hamburg

Saunier, T. (1989) O Magnífico Folclore de Parintins. Parintins, Edições Parintintin

Souza, M. (1992) Galvez Imperador do Acre. São Paulo, Editora Marco Zero

Souza, M. (1994) Breve História da Amazônia . São Paulo, Editora Marco Zero

9 - ***ANEXOS***

Material fotográfico dos Rios e Florestas da região.

Material fotográfico do Festival Folclórico de Parintins.

Vídeo "Ritual das Águas".

Vídeo "Festival Folclórico de Parintins".